

## 1.INTRODUÇÃO

Na educação Infantil a primeira coisa que se é notada na criança é seu corpo, sua atividade e sua capacidade de movimento. Quando bebês, observamos os reflexos, as atividades motoras involuntárias, mais tarde o engatinhar, depois o correr; saltar; subir; descer. Quando pensamos nas crianças (meninos e meninas) com a mesma idade entre 3 e 6 anos, podemos notar ainda mais habilidades, principalmente com as mãos, como utilizar a tesoura, dobrar o papel, copiar um quadrado etc. Essas destrezas motrizes características dessa fase tem relações estreitas com o desenvolvimento cognitivo, social e afetivo da criança. É da constatação dessa relação tão fecunda que surge o interesse pela pesquisa agora apresentada em forma de texto monográfico.

Foi na minha experiência de estagiária na educação infantil, dos Grupos 3 e 4, de uma escola da rede particular da cidade de Salvador que, pela primeira vez, me vi imersa no cotidiano do trabalho com crianças pequenas. Com esse meu primeiro contato com a docência também fui apresentada à psicomotricidade, palavra pouco conhecida e também pouco repetida e estudada na faculdade. Apesar de, na época do ingresso no estágio, cursar o sétimo semestre da graduação em Pedagogia, contatei que poucas foram as disciplinas que tomaram o trabalho psicomotor como tema de estudos e que, mesmo nessas raras situações, o debate sempre estava atrelado a outras questões centrais (origens, teorias psicológicas, reeducação no trabalho com algumas deficiências etc.).

No estágio pude, enfim, compreender que “o movimento não é puramente um deslocamento no espaço, nem uma simples contração muscular, e sim, um significado de relações afetivas com o mundo.” (WALLON, 1995, p. 98) Nesse contexto, pode-se dizer que o desenvolvimento motor é precursor de todas as demais áreas.

Sendo estudante de Pedagogia, estagiária da pré-escola e ouvindo por diversas vezes, no cotidiano da escola, a importância da psicomotricidade para o desenvolvimento de crianças, outro não poderia ser o tema proposto para o desenvolvimento do meu trabalho de conclusão de curso. Pude perceber através das minhas vivências em sala de aula que a educação pelo movimento tinha um grande peso no desenvolvimento das crianças, por isso senti a necessidade de estudar sobre essas contribuições no sentido de entender quais os aspectos do desenvolvimento da criança eram influenciados positivamente por essas atividades.

Na busca por materiais que atendessem as minhas expectativas quanto a esse trabalho pude constatar que apesar de um grande número de publicações e livros a respeito da psicomotricidade, poucos autores direcionavam essa temática para o campo da educação infantil. O que encontrava eram estudos onde destacavam as atividades psicomotoras para a educação infantil direcionadas a professores e, além disso, no que dizia respeito à importância dessas atividades poucos autores tratavam desse aspecto com maior profundidade.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação estabelece como finalidade da Educação Infantil “[...] o desenvolvimento integral da criança até 6 anos de idade em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social [...]” (CARNEIRO, 2008, p.90), sendo assim faz-se necessário um maior estudo da psicomotricidade como agente facilitador da aquisição dessas habilidades. O processo de aprendizagem da criança tem uma ligação muito íntima com o seu desenvolvimento motor esse é um dos fatos que torna o estudo sobre a educação psicomotora de grande importância.

É considerando que o processo de desenvolvimento da criança na idade pré-escolar, que corresponde ao período dos 3 aos 6 anos de idade, é marcado por uma transição entre o estágio sensório-motor e o pré-operacional, onde a inteligência prática, extrínseca, dependente das sensações e da motricidade dá lugar gradativa e cumulativamente ao pensamento lógico, socializado e interiorizado à partir da adolescência (RAPPAPORT,FIORI,DAVIS 2005, p. 07), que pretendemos realizar o estudo proposto.

Neste trabalho, buscamos estudar as possíveis contribuições da psicomotricidade e das atividades motoras desenvolvidas na escola, no processo de desenvolvimento da criança em idade pré-escolar a partir de uma análise teórico-metodológica de revisões literárias, análise documental e análise de conteúdo. Quanto ao modelo de estudo, é tipificada como uma pesquisa descritiva, qualitativa, tendo a análise de conteúdo como a sua característica principal e também como procedimento.

Acreditamos que esse estudo poderá contribuir para um esclarecimento dos profissionais da Educação Infantil, sobre a importância da educação psicomotora, no seu campo de trabalho, na perspectiva de atender às necessidades de cada criança, considerando as suas particularidades, com o objetivo de despertar na mesma o conhecimento do seu corpo como um todo.

No primeiro capítulo desse trabalho buscamos caracterizar a criança a partir dos seus aspectos afetivos, cognitivos, sociais, físicos e motores na idade pré-escolar.

No capítulo seguinte tratamos sobre a psicomotricidade, destacando a sua importância, a introdução dessa ciência no Brasil, suas definições e conceitos com base em estudiosos e técnicos da área e como também falamos sobre os elementos psicomotores.

No terceiro capítulo falamos da educação psicomotora como um recurso a ser adotado pela escola o qual contribui para um aperfeiçoamento das habilidades da criança e um desenvolvimento favorável, por meio de atividades que estimulem e valorizem a prática do movimento.

Sendo assim, o objetivo desse trabalho consiste no estudo das contribuições das atividades psicomotoras no desenvolvimento da criança na idade pré-escolar.

## 2. CARACTERIZAÇÃO DA IDADE PRÉ-ESCOLAR

Dada a natureza do trabalho proposto, e considerando o recorte específico feito para o estudo do tema, a caracterização da criança em idade escolar fez-se como demanda primeira e necessária para a aproximação com os estudos que versam sobre a psicomotricidade. Para tanto, neste capítulo caracterizamos a criança dessa fase a partir do seu desenvolvimento cognitivo, afetivo, social e psicomotor, entendemos como desenvolvimento “[...] certas mudanças que ocorrem no ser humano (ou animais) entre a concepção e a morte, [...] e pode ser dividido em uma série de aspectos diferentes: físico, pessoal, social e cognitivo”. (WOOLFOLK, 2000, p. 36).

### 2.1. Desenvolvimento Afetivo:

Logo de início, o bebê mobiliza as pessoas do seu entorno numa espécie de contágio afetivo através de seus gestos involuntários e impulsivos, contorções corporais, assim como também as primeiras expressões de emoção: o choro ou o sorriso. A partir do momento em que a criança entra na escola (em volta dos três anos), o desenvolvimento afetivo começa a ter outros rumos: após deixar o berço, o colo materno, onde até então era apenas dirigida pelo seio familiar, ela começa a se adaptar a um novo meio.

É sobre tal mudança que Almeida versa ao nos apontar que

Os estudos e as experiências nos revelam que saber lidar com circunstâncias emocionais na sala de aula, muito frequentes nos alunos da faixa etária entre três a seis anos, é uma garantia para o desenvolvimento das atividades na escola (ALMEIDA, 1999, p. 14).

A criança desde o seu nascimento tem como referência afetiva os seus pais, através do contato, do cheiro, do aleitamento, e assim estabelece seus vínculos afetivos. Considerando a relevância de tais vínculos como proposto por Almeida, é necessário ponderar que na escola, para que a criança se adapte ao novo ambiente e as novas regras, ela precisa estabelecer referências que possibilitem uma adaptação tranquila. Essas referências são construídas através dos vínculos da criança com o adulto da sala e seus colegas, isso por entendermos que

É evidente que a pré-escola é um espaço onde as emoções são mais freqüentes e transparentes e o professor tem um papel essencial no desenvolvimento afetivo da criança. Para muitas, o afeto da professora pode significar a continuação da permanência na escola. (ALMEIDA, 1999, p. 14).

Nessa fase escolar, inicialmente o apego é de fato, a mais profunda exteriorização de afeto de uma criança. Ela necessita de vínculos afetivos que lhe tragam segurança, estabilidade e prazer. Assim relata Paniagua e Palacios (2007, p. 70) em obra sobre o desenvolvimento dos afetos e das relações na criança:

Trata-se do vínculo afetivo privilegiado que estabelecemos com as pessoas que, para nós, são mais importantes e significativas, aquelas cuja presença dá-nos segurança e nos proporciona satisfação, às quais recorremos em momentos de aflição, das quais sentimos saudades quando não estão presentes e cujo retorno nos alegra; aquelas que são insubstituíveis para nós, que não podem ser trocadas por outra sem que algo importante se altere dentro de nós.

Esses vínculos e referências estabelecidos entre adultos e/ou crianças nessa etapa da pré-escola dependem em parte das características das crianças, do adulto e também do clima da relação. Algumas crianças tendem a se aproximar com maior facilidade e outras já resistem ao contato com pessoas que não pertencem ao seu seio familiar. O adulto precisa também ser sensível as relações e as trocas com a criança.

À medida que vão avançando (crescendo), as crianças percebem que nem sempre o adulto precisa estar ao seu lado, sempre muito perto, para se sentirem seguros e amparados.

Entre os três a seis anos as crianças já conseguem manifestar uma grande diversidade de emoções, começam a entender seus significados e com o passar da idade conseguem controlá-las. Porém essas conquistas não ocorrem de maneira isolada conforme explica Paniagua e Palacios (2007, p. 74)

Ao contrário, trata-se de um processo sujeito às muitas experiências e sentir emoções, de expressá-las, de falar sobre elas, de captar as reações dos outros e de perceber suas conseqüências.

## **2.2. Desenvolvimento Cognitivo**

Piaget ao caracterizar a criança a partir do seu aspecto cognitivo, na idade entre 3 a 6 anos, etapa denominada por ele de pré-operacional, destaca o comportamento da criança pelo seu pensamento egocêntrico e pela interiorização de esquemas de ação construídos no estágio anterior (sensório- motor).

A criança nessa fase parte de um mundo restrito ao ambiente doméstico para uma tentativa de inserção numa sociedade muito mais ampla, no qual precisa desenvolver seu repertório comportamental e sua vida mental para encontrar seus próprios recursos na perspectiva de lidar de forma adequada com a sua nova realidade. Esses comportamentos não se estabelecem de forma consciente e partem do seu próprio *eu*. Assim explica Rappaport (2007, p. 42):

As explicações sobre as coisas e suas verdades são organizadas a partir de uma mistura de impressões reais e imaginárias (mundo da fantasia), devido a esse fator seus entendimentos podem se apresentar de forma distorcida da realidade.

Devido a esses fatores o pensamento da criança nesse estágio é caracterizado como egocêntrico e ao falar desse comportamento e com base nos conceitos piagetianos Rappaport (2007, p. 43) justifica o uso desse termo da seguinte forma:

As crianças têm uma tendência a pensar que cada um de seus pensamentos é comum a todas as outras pessoas, e que podem ser compreendidos. São egocêntricas porque ignoram a natureza do seu próprio pensamento (ou dos outros), ou simplesmente porque falam e pensam para si mesmas [...].

Sendo assim, decorrente do comportamento egocêntrico diante das coisas, não conseguindo assim se colocar, abstratamente, no lugar do outro, o desenvolvimento cognitivo da criança pré-operacional também é caracterizada da seguinte forma:

1. Consegue utilizar a sua capacidade simbólica, ou seja, distingue a imagem daquilo que ela significa;
2. Não segue um raciocínio lógico e não compreende conceitos abstratos;
3. A atenção não contempla dois objetos de uma vez só: centralização.

Em relação a esse aspecto entendemos que:

O raciocínio da criança pré-operacional é centralizado, rígido e inflexível, dada a impossibilidade de levar em conta várias relações ao mesmo tempo. (RAPPAPORT, 2007, p.46)

4. O pensamento é estático, capta estados momentâneos sem juntá-los em um todo;
5. Não estabelece fronteiras entre os seus pensamentos e os pensamentos alheios;
6. Crê que todas as coisas são vivas. Piaget denomina esse fenômeno como Animismo. Assim como Rappaport (2007, p. 47) compreendemos que

Devido à dependência do pensamento egocêntrico das vivências pessoais, a criança as estende a outros seres vivos (humanos ou não) e a objetos inanimados. É como se atribuísse uma “alma” humana a todas as coisas.

### **2.3. Desenvolvimento Social**

Dos 3 aos 6 anos a criança a partir da observação dos adultos no desenvolvimento das suas funções sociais e da possibilidade, através do jogo

simbólico, de desempenhar esses papéis começa a aprender como funciona o mundo social e como ela funciona dentro dele.

Na pré-escola, as crianças começam a manifestar suas preferências de companhias, meninos e meninas começam a interagir uns com os outros estabelecendo laços que são marcados a partir de afinidades diversas. Ao falar do desenvolvimento das relações da criança, Paniagua E Palacios (2007, p. 76) discute essas interações a partir de alguns aspectos:

Das diversas interações que surgem entre iguais [...] três são particularmente visíveis e relevantes nessa idade: a brincadeira, a agressividade e as condutas de ajuda e consolo, denominadas condutas pró-sociais.

O jogo e a brincadeira nessa idade apresentam-se de diversas formas, a criança brinca através das imitações (ser médico, bombeiro, polícia etc.), imitam também seus pais e professores, o jogo corporal também se apresenta nessa fase (através das brincadeiras de lutas), o jogo verbal (através dos jogos de palavras e ritmos), os jogos de construção (montagem de quebra-cabeças, legos etc) e os jogos estabelecidos por regras começam a aparecer ao longo do período e a partir do processo de amadurecimento dessas ações.

Kishimoto (1996, p. 40) ao tratar da relação do jogo e da brincadeira com o desenvolvimento social e emocional da criança salienta que

É brincando que a criança aprende a trabalhar suas frustrações na medida em que perde ou ganha. Esse fator torna-se inerente ao crescimento e fortalece emocionalmente o indivíduo e as relações com o outro. Neste caso ganham importância vital, pois a criança necessita compartilhar momentos coletivos para satisfazer a vontade de jogar e aprender a conviver no grupo.

Inicialmente a criança brinca sozinha, as brincadeiras de interpretação e as imitações geralmente são interagidas com o espelho ou com os amigos imaginários, os jogos de construção muitas vezes também são explorados solitariamente, a medida que a criança vai crescendo no final do seu terceiro ano iniciando o quarto essas brincadeiras começam a ser divididas com o colega. Sobre essa evolução social Paniagua e Palacios (2007, p.77) declaram:



Com o desenvolvimento, ocorrem mudanças não apenas no conteúdo das brincadeiras, mas também no grau de coordenação social que implicam. Assim, nas crianças menores, observam-se muitos jogos solitários (cada uma brinca sozinha à sua maneira, mesmo que esteja rodeada por outras), jogo de espectador (ver como os outros brincam, sem participar) e jogo paralelo (várias brincam ao mesmo tempo, inclusive imitam umas às outras, mas cada uma no seu ritmo e no seu estilo, sem interação com os demais). Quando crescem um pouquinho aparecem os jogos associativos (compartilham-se brinquedos e ou materiais e se levam em conta as indicações do outro, mas não se distribuem papéis nem se coopera ativamente para atingir uma meta) e, finalmente, mais próximo do final da educação infantil, os jogos cooperativos (coordenam-se esforços, visando a uma meta, com distribuição de papéis e cooperação na tarefa).

A conduta agressiva da criança nesse período muitas vezes é mal vista pelos pais e pela escola, gerando também no ambiente da sala de aula entre os colegas um clima de rejeição. Essa rejeição pode ser apenas momentânea (uma criança movida por algum interesse é agressiva com a outra), e logo a situação é esquecida, como também pode ser mais duradoura (geralmente quando a criança apresenta repetidas atitudes agressivas em momentos variados).

Na pré-escola essas agressões não são tão freqüentes como na primeira infância, muitas vezes a criança apresenta uma atitude de reação a uma determinada situação promovida por outro colega, acabando assim num comportamento agressivo. Paniagua e Palacios (2007, p. 78) denominam esse momento como *agressividade reativa* e afirma que

A partir dos três anos há um aumento na agressividade reativa, como uma resposta a um ataque ou à frustração causada por alguém; nessa idade, costuma-se retribuir na mesma moeda, de maneira que se responde um empurrão com outro empurrão [...]

Posteriormente a essa fase, a criança por muitas vezes poderá não mais responder a uma agressão da mesma forma, ou seja, ela poderá reagir a partir de uma ameaça (agressividade hostil), isso se deve ao fato dela começar a perceber que em alguns casos a agressão física não mais ajuda na resolução do seu conflito. Mas essa tomada de consciência que começa a ser apresentada ainda se estabelece de forma gradual, podendo assim a criança em outra situação responder a uma provocação de forma agressiva (física). Nesse sentido e

conforme o pensamento de Paniagua e Palacios (2007, p. 78) as crianças começam gradativamente a gerenciar seus conflitos:

Aos 5 anos, é esperada uma diminuição considerável nas condutas agressivas, que devem ser cada vez menos frequentes e cada vez mais motivadas (trata-se agora da chamada agressividade hostil, em que se deseja ferir de forma intencional); meninos e meninas vão aprendendo novas estratégias de resolução de conflitos, vão compreendendo que a agressividade resolve uns problemas, mas coloca muitos outros, vão tomando consciência de como se sente aquele que é agredido, o que contribui para essa diminuição.

Outro comportamento importante nesse processo de socialização da criança nesse período é a conduta *pró-social* definida como:

Fala-se de pró-socialidade para se referir a um conjunto de comportamentos voluntários destinados a ajudar, compartilhar, consolar ou proteger. (PANIAGUA, PALACIOS, 2007, p. 79).

Essas atitudes são manifestadas desde os anos iniciais da criança, porém no início da idade pré-escolar as crianças começam a apresentar comportamentos de reciprocidade entre elas através do compartilhamento de brinquedos, entre as meninas através das trocas de acessórios e geralmente essas relações são estabelecidas porque já houve por parte do outro essa troca.

Porém as condutas pró-sociais que se apresentam nessa etapa de vida da criança ainda se manifestam de maneira primitiva, ela ainda não tem a capacidade de abrir mão de um objeto seu para doar a um colega sem que seja recompensada. É mais provável que essas condutas se configurem a partir de situações onde a criança já tenha vivenciado, desse modo ela será motivada a se comportar de forma cooperativa e protetiva com o outro.

## **2.4. Desenvolvimento Físico E Psicomotor**

Desde o nascimento a criança passa por sucessivos processos de transformações físicas e motoras. O desenvolvimento físico refere-se às

mudanças corporais sofridas pelo indivíduo ao passar da idade. Essas mudanças ocorrem de forma incondicional, ou seja, são transformações inconscientes e involuntárias e dependem principalmente do funcionamento biológico e das práticas de atividades corporais desenvolvidas pelo indivíduo.

O desenvolvimento psicomotor se manifesta de maneira condicionada, voluntária e consciente. Os atos e movimentos eles são motivados e movidos por um desejo. Ao caminhar a criança não apenas movimenta suas pernas a uma determinada direção, mas existe um impulso cerebral que estimula essa determinada ação.

Ainda bebês começam a engatinhar, se apoiar em algum objeto para tentar se levantar, um pouco mais tarde já começam sozinhos a levar a colher na boca. Esses progressos vão ocorrendo de forma gradual durante todo o processo de desenvolvimento da criança e quanto mais vão crescendo esses movimentos vão sendo aprimorados.

Como exemplo, por volta dos 3 anos de idade a criança já começa a utilizar as mãos para cortar o papel com tesoura de forma livre, conseguem pegar firmemente no pincel sem que ele seja projetado à boca entre muitas outras destrezas motoras.

O que vale lembrar aqui é que essas aquisições conquistadas pela criança no decorrer do seu desenvolvimento vão variar de criança para criança, mesmo que elas ainda estejam na mesma faixa etária, ou seja:

Todos têm a mesma idade, porém, a medida que crescem, vão se tornando cada vez mais diferentes em suas habilidades e destrezas, bem como em suas dificuldades. (PANIAGUA, 2007, p. 32)

Paniagua e Palacios (2007, p. 32) ao falar sobre essas destrezas elenca por idade algumas habilidades apresentadas na criança, salientando que muitas vezes alguns meses a mais ou a menos entre as idades podem marcar diferenças consideráveis dentro do seu ritmo de aquisições psicomotoras. Vejamos:

- a) 2-3 anos:** a criança consegue manter-se em pé sob um pé só por algum tempo (segundos); usa tesoura para recortar papel; joga uma bola com a mão sem tirar os pés do lugar, utiliza a colher para comer; inicia os primeiros rabiscos e garaturjas; escova os dentes; consegue vestir uma camiseta; traçar linhas e fazer desenhos com contornos; copiar um círculo etc.
- b) 3-4 anos:** desce escadas com desembaraço e sem apoio; pondo um pé em cada degrau; corre pulando com um pé só (poucos pulos); adquire maior controle para parar, girar e correr; cortar uma linha com tesoura; dobra papel, começa a colorir formas simples; utiliza corretamente o garfo para comer, consegue vestir a roupa sem a ajuda de um adulto; copia um quadrado etc.
- c) 4-5 anos:** caminha sobre uma barra equilibrando-se; montam em bicicletas e patins; marcha ao ritmo de sons; manuseia faca, martelo, chaves de fenda; escreve alguns números e letras, copia um triângulo e mais posteriormente, um losango; adquire um bom controle de corrida: correr, girar e parar.

### **3. PSICOMOTRICIDADE**

Os estudos sobre psicomotricidade têm uma grande importância no campo das pesquisas sobre o desenvolvimento global do indivíduo e se articula com outros campos do saber como a Neurologia, a Psicologia e a Pedagogia. Isso se deve ao fato dessa ciência se dedicar ao estudo das relações entre o homem e o seu corpo, não levando em conta apenas os aspectos motores, mas sim a articulação dessas relações aos aspectos cognitivos e sócio-afetivos que constituem o sujeito.

No Brasil, a psicomotricidade teve forte influência européia, seguindo os passos da escola francesa, onde o objetivo era a superação das dificuldades de aprendizagem em âmbito escolar. Hoje esses estudos subsidiam a prática educativa sendo mais um aparato tecnológico que vem auxiliando o trabalho pedagógico nas salas de aula na perspectiva de uma formação mais completa e integral do indivíduo.

Os movimentos psicomotores se desenvolvem a partir das transformações biológicas do ser humano, sendo concebido o corpo e a motricidade (movimento) como uma unidade indissociável.

#### **3.1 Definição:**

Buscamos o conceito de Psicomotricidade para uma melhor compreensão sobre essa função e percebemos que autores a definem a partir de olhares que se relacionam com as suas correntes e pressupostos teóricos, sejam eles ligados ao campo da psicologia, da psiquiatria, da educação ou da neurociência. Assim a

SBP<sup>1</sup> (Sociedade brasileira de Psicomotricidade) ao falar sobre psicomotricidade destaca que

[...] é um termo empregado para uma concepção de movimento organizado e integrado, em função das experiências vividas pelo sujeito cuja ação é resultante de sua individualidade, sua linguagem e sua socialização. (1999, sp).

A partir dessa definição percebemos que a psicomotricidade compreende o homem a partir do seu movimento (corpo e mente), procurando entender a sua motivação, considerando todos os aspectos do desenvolvimento do ser em sua totalidade. Ou seja, “psicomotricidade é a educação do homem pelo movimento” (MUTSCHELE, 1996, p. 32).

Nicola (2004) apresenta outro conceito com base nos termos motricidade e no prefixo psico

Condição de um estado de coisas corpo / mente. Visão global de um indivíduo, onde a base de atuação está no conhecimento desta fusão.” (NICOLA, 2004, p. 5).

Ainda sobre o conceito de psicomotricidade e levando em conta que ela procura aprofundar a interação entre a motricidade e o psiquismo do comportamento humano, Fonseca (2004) discute sobre esses dois fatores importantes versando que

Por um lado, a motricidade, entendida como um sistema dinâmico que subtende a organização de um equipamento neurobiológico sujeito ao desenvolvimento e à maturação; Por outro, o psiquismo entendido como o funcionamento de uma atividade mental composta de dimensões sócio afetivas e cognitivas” (FONSECA, 2004, p. 13)

É através da linguagem, dos movimentos, dos gestos, dos olhares e expressões corporais que o homem se relaciona com o mundo. Desde pequeno o bebê já estabelece um tipo de comunicação com o seu meio (mãe), seja essa

---

<sup>1</sup> Sociedade Brasileira de psicomotricidade- é uma entidade de fins científico-cultural sem fins lucrativos, foi fundada em 19 de abril de 1980 com intuito de lutar pela regulamentação da profissão, unir os profissionais da psicomotricidade e contrib

através do choro ou não. De alguma forma sempre estamos interagindo com o outro e é esta comunicação e relação com o mundo dentro dos limites da corporeidade que podemos nomear psicomotricidade.

### **3.2 Elementos Psicomotores**

Durante o processo de aprendizagem, os elementos básicos da psicomotricidade são utilizados com frequência como o desenvolvimento do Esquema Corporal, Lateralidade, Estruturação Espacial, Orientação Temporal etc. São várias as terminologias utilizadas para denominar essas habilidades psicomotoras, porém os conceitos como um todo não se distinguem nem se distanciam de um autor para outro. Vejamos alguns elementos psicomotores:

#### **3.2.1 Coordenação Motora (utilização eficiente das partes do corpo):**

Para uma criança se movimentar num determinado espaço, manipular objetos, correr é necessário que ela possua “um certo equilíbrio” das ações. Esse equilíbrio vai depender tanto das contrações musculares como da maturação do sistema nervoso (córtex-cerebral). A coordenação motora se define em três tipos: global (ou geral), fina e específica.

A coordenação global tem como função principal a organização da atividade consciente e a sua regulação, programação e verificação, ou seja, é a capacidade que a pessoa tem de usar os músculos esqueléticos da melhor maneira possível. A criança ao andar, pular, rastejar está utilizando a sua coordenação motora global.

A coordenação motora específica permite que as pessoas e as crianças possam controlar os movimentos específicos para realizar um tipo determinado de atividade. Por exemplo, para chutar uma bola, o corpo precisa de uma

determinada coordenação motora, para jogar basquete, uma coordenação motora diferente.

Enfim a coordenação motora fina é responsável pela capacidade que nós temos de usar de forma precisa e mais eficiente os pequenos músculos que estão no nosso corpo para que assim eles produzam movimentos mais delicados e bem mais específicos que os outros tipos de coordenação motora. A coordenação motora fina é usada quando vamos costurar, escrever, recortar algo, acertar um alvo (não importa qual o tamanho) ou até mesmo para digitar; tudo isso é obra da coordenação motora fina.

### 3.2.2 Imagem corporal

Imagem corporal é a capacidade inconsciente que o indivíduo tem de figurar o seu corpo e estruturar essa imagem na sua própria mente. Esse conceito começa a ser elaborado através de experiências sinestésicas construídas a partir dos sentidos (tato, olfato, paladar, visão, audição), porém a criança vai se apropriando desse conceito a respeito do seu próprio corpo na medida em que ela amadurece. A respeito desse conceito Boulch (1992, p. 15) afirma que

A imagem do corpo representa uma forma de equilíbrio entre as funções psicomotoras e a sua maturidade. Durante os anos da pré-escola a criança começa a desenvolver de uma forma mais intensa o conceito a respeito da sua imagem corporal.

### 3.2.3 Esquema corporal:

É o saber pré-consciente que a criança adquire do seu corpo e de suas partes, possibilitando que ela se relacione com o seu meio (espaços, objetos, pessoas). Para isso alguns elementos são de extrema importância para a construção do esquema corporal. Assim, relata Paniagua e Palacios (2007, p. 47), “esses elementos com os quais se constrói esquema corporal são de natureza distinta: perceptivos, motores, cognitivos, lingüísticos e emocionais”.

### 3.2.4 Organização Espaço temporal:



A organização espaço temporal compreende a habilidade que a criança tem de se orientar no espaço e no tempo. Para isso, é necessário ter noções de distâncias como perto, longe, antes, depois etc. Essa tarefa requer a fusão de dados direcionais e espaciais.

### 3.2.5 Tônus:

É a tensão dos músculos que garante o equilíbrio (estático ou dinâmico), a coordenação e a postura. Apesar de ser um fenômeno de natureza reflexa, pois tem sua origem no músculo, a sua regulação está diretamente ligada as atividades cerebrais.

### 3.2.6 Lateralidade:

É a capacidade de utilizar os movimentos do seu corpo articulando-o para os dois lados (esquerdo e direito). A lateralidade depende do funcionamento hemisférico do cérebro, ou seja, uma criança com dominância cerebral esquerda terá uma probabilidade maior para desenvolver suas habilidades com o lado direito do corpo. A respeito desse funcionamento Pacher (2010, p. 2) discorre:

A lateralização, além de ser uma característica da espécie humana em si, põe em jogo a especialização hemisférica do cérebro, reflete a organização funcional do sistema nervoso central [...]. Sabemos que a metade esquerda do corpo é controlada pelo hemisfério direito, ao passo que a outra metade é controlada pelo hemisfério esquerdo. Quando há dominância do hemisfério esquerdo, temos o indivíduo destro; quando ocorre a dominância do hemisfério direito, temos o indivíduo canhoto.

A lateralidade define o predomínio de um lado (D-E) corporal com respeito a uma função determinada: Se pode ser canhoto para escrever e direito para escutar (orelha direita) e assim sucessivamente com todas as funções sensoriais e motoras. Díaz (1995, p. 94) em obra diz que a lateralização é o resultado biofuncional e psicofuncional do predomínio hemisférico cerebral (dominância hemisférica cerebral) que esta determinada geneticamente, por tanto, nasce com a pessoa, embora algumas lateralidades como a manual, por exemplo, se manifestem tardiamente, por volta dos 3 anos de idade.

#### **4. A PSICOMOTRICIDADE E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NA IDADE PRÉ-ESCOLAR**

É através do movimento que a criança entra em contato com mundo e estabelece as primeiras relações comunicativas com o seu meio, e essas interações estão estreitamente ligadas a psicomotricidade, afinal, a criança utiliza o seu corpo para expressar o que sente. Por meio das atividades psicomotoras, as crianças criam, interpretam, e se relacionam com as pessoas e todo o seu mundo, por isso cada vez mais essas atividades ocupam um lugar importante nas escolas e nos programas escolares desde a Educação Infantil. Ao falar sobre o lugar da educação psicomotora no processo de desenvolvimento da criança Boulch (1992, p. 129) discorre:

A educação psicomotora na idade escolar deve ser antes de tudo uma experiência ativa de confrontação com o meio. A ajuda educativa, proveniente dos pais e do meio escolar, tem a finalidade não de ensinar à criança comportamentos motores, mas sim de permitir-lhe, mediante o jogo, exercer sua função de ajustamento, individualmente ou com outras crianças.

E ainda ao falar sobre a influência da psicomotricidade no desenvolvimento da criança na infância Brizolara em prefácio de obra de Le Boulch (1992, p. 05) salienta que

[...] a criança desde o nascimento apresenta potencialidades para desenvolver-se, mas que elas não dependem só da maturação dos processos orgânicos, senão também do intercâmbio com o outrem e que isto é de maior importância na primeira infância. Este intercâmbio tem uma influência determinante na orientação do temperamento e da personalidade e é através destas relações com as outras pessoas que “o ser” se descobre e que a personalidade se constrói pouco a pouco.

A educação pelos movimentos deve fazer parte do conjunto de métodos utilizados pelos professores, principalmente na Educação Infantil, pois ela auxilia o desenvolvimento motor e intelectual do aluno, sendo que o corpo e a mente são elementos integrados da sua formação.

Durante todo processo de aprendizagem da criança, os elementos básicos da psicomotricidade são utilizados com freqüência, mesmo que sem consciência ou em uma prática de repetição, pelo profissional da educação infantil, como o esquema corporal, a imagem corporal, a tonicidade muscular, coordenação motora, e são esses elementos que por sua vez, contribuem para o desenvolvimento motor, afetivo, social e cognitivo da criança, através das atividades lúdicas, dos jogos, das brincadeiras e encenações.

Quando ocorrem falhas no desenvolvimento motor da criança poderá acarretar uma série de problemas no seu desenvolvimento. Uma boa educação psicomotora pode garantir a criança um melhor relacionamento social, afetivo, uma postura mais segura diante de situações adversas e uma maior concentração nas atividades. Nessa perspectiva FONSECA (2004, p. 10) afirma que:

A psicomotricidade visa, em contrapartida, a privilegiar a qualidade de relação afetivo-emocional, a disponibilidade tônica, a segurança gravitacional e o controle de postura, a noção fenomenológica do corpo e a sua dimensão existencial, a sua lateralização e direcionalidade e sua planificação práxica, enquanto componentes essenciais e globais da adaptabilidade, da aprendizagem e de seu ato mental concomitante. Nelas, o corpo e a motricidade são abordados como unidade e totalidade do ser. [...] pretende atingir, na sua ação educativa ou terapêutica, a organização neuropsicomotora da noção do corpo como marco espaço temporal do Eu, fundamental a qualquer processo de conduta ou aprendizagem.

Le Bouch (1981, apud Vinicius 2010, p. 27) ao falar da educação psicomotora e sua importância defende que ela deve ser vista como uma educação de base da escola primária e ressalta:

ela condiciona todos os aprendizados pré-escolares e escolares, leva a criança a tomar consciência de seu corpo, da lateralidade, a situar-se no espaço, a dominar o tempo, a adquirir habilmente a coordenação dos seus gestos e movimentos. A educação psicomotora deve ser praticada desde a mais tenra idade conduzida com perseverança, permiti prevenir inadaptações difíceis de corrigir quando estruturadas.

Com base no que foi dito anteriormente, e considerando o objetivo colocado para este trabalho, nos propomos a estudar de que forma os elementos e as atividades psicomotoras auxiliam e contribuem para o desenvolvimento global da criança na idade pré-escolar. Nesse sentido, o levantamento bibliográfico realizado ao longo do período de pesquisa mostrou ser necessário, e nos permitiu, considerando os estudos de autores como Le Boulch (1992), Paniagua (2007), Palacios (2007), Vinicius (2010), Ricardo (2010) e Oliveira (2005), abordar as possíveis contribuições dessa ciência nos seguintes aspectos:

#### **4.1 A Atividade Corporal Global**

As atividades lúdicas que possibilitam a criança a se expressar livremente, a explorar o seu ambiente de acordo com as suas conveniências, possibilitam a criança entrar em contato com o mundo estimulando assim a sua espontaneidade, sua criatividade, sua desinibição, tornando assim rica a sua capacidade gestual e mímica fatores que influenciam positivamente no desenvolvimento afetivo, social e cognitivo da criança. Ou seja,

A espontaneidade criadora e a disponibilidade traduzem a possibilidade que o organismo assim educado tem de reagir globalmente a uma situação de urgência em função de sua vivência anterior. Se esta criatividade se expressa inicialmente a um nível dos comportamentos motores e afetivos, e a se traduzirá, mais tarde, pela atitude do organismo de efetuar sínteses novas e explorar no plano mental o que tem experimentado na vivência corporal. (BOULCH, 1992, p. 130)

É necessário proporcionar à criança a oportunidade de desenvolver as suas potencialidades da melhor maneira possível. Uma experiência traumática ou mal vivenciada, no sentido de desvalorizar o corpo, a espontaneidade da criança pode trazer problemas afetivos gerando dificuldades de relacionamento inter e intrapessoal. Boulch alerta para essa questão e declara:

A repercussão desta experiência desvalorizante do corpo no equilíbrio afetivo da criança é de tal magnitude que se traduz por dificuldades de estabelecer um contato com os adultos e outras crianças. A expressão gestual, como a expressão verbal, mantém-se pobre e limitada (1992, p. 130).

Além disso, o trabalho com o estímulo da expressão gestual auxilia na aquisição da expressão verbal, conforme nos explica Boulche (1992, p. 131):

A linguagem aparece e desenvolve-se sob o efeito de um dinamismo afetivo ligado à necessidade do intercâmbio com outra pessoa. Este intercâmbio, primeiro, é corporal e progressivamente se transforma em corporal e verbal, mostrando as relações estreitas entre linguagem e motricidade.

## **4.2 A Coordenação Motora**

A respeito da motricidade global, a experiência bem sucedida com os jogos e as atividades de exploração faz com que a criança entre em equilíbrio com o seu próprio corpo. As atividades de “situações problemas”, que envolvam o movimento, onde ela encontra respostas através de repetidas situações, permitem assim novas descobertas e aperfeiçoamentos para cada nova situação e faz com que a criança além de vivenciar e explorar as diversas partes do seu corpo no sentido de propiciar a ela confiança e um bom desempenho motor, contribui para que ela comece a utilizar movimentos como correr, pular, ficar parado com um pé só de uma maneira mais segura e aperfeiçoada.

Esse aperfeiçoamento das atividades motoras globais implica alguns mecanismos de regulação como o equilíbrio e a atitude. Quando a criança desenvolve os movimentos básicos dentro das diversas atividades de coordenação motora global com maior destreza reforça fatores como: vivacidade, força muscular e resistência. Contribuindo para:

[...] o desenvolvimento de certo controle da motricidade espontânea na medida em que a situação-problema exige o respeito de algumas ordens, definindo assim condições de espaço e de tempo nas quais a tarefa deve se desenvolver (BOLCH, 1992, p. 151).

Sobre a coordenação motora fina Vinicius enfatiza algumas vantagens no trabalho mais direcionado com movimentos dos braços e pernas na criança, a fim de uma destreza maior desses movimentos, principalmente com as mãos, estimulando assim o desenvolvimento da coordenação motora fina o que lhe contribuirá futuramente para um bom desenvolvimento da escrita e resume:

Na escola, as atividades que se direcionam para essa aprendizagem vêm se tornando cada vez mais indispensáveis, pois causam mudanças consideráveis no gestual motor fino da criança, auxiliando no desenvolvimento da escrita. (VINICIUS, 2010, p. 32)

### **4.3 A consciência corporal:**

É através dos exercícios que visam a percepção, o conhecimento e a educação dos diferentes elementos do próprio corpo que a criança entre seus 3 a 6 anos começa a sentir o seu corpo como objeto total do mecanismo de relacionamento, fazendo com que se localize no tempo e no espaço organizando assim o seu esquema corporal nessa fase denominada por Boulch de “corpo descoberto”.

E a partir dessas atividades segundo Mastroiani, Bofi, Carvalho, Saita e Cruz (2005, p. 3) é que a criança nessa fase adquire o nível de consciência e conhecimento do corpo e também a controlá-lo contribuindo para:

A)O nível da consciência e do conhecimento: a criança aprende a conhecer diferentes partes do corpo, a diferenciá-las e a sentir suas atribuições;

B)O nível de controle de si mesmo; o que lhe permite alcançar a independência dos movimentos e a disponibilidade de seu corpo em vista da ação.

Além desses fatores, Picq e Vayer (1988, p. 24) destaca que “um elemento básico indispensável na construção da sua própria personalidade, para a criança, é a representação mais ou menos global, específica e diferenciada que ela tem de seu próprio corpo.”

Autores como Rosa e Niso destaca que a estimulação da consciência corporal na criança além de contribuir na construção da personalidade, no equilíbrio emocional e nas relações sociais da criança auxilia no futuro processo de alfabetização e na dominância dos seus impulsos e assim declara:

a estimulação do Esquema Corporal torna o corpo da criança como um ponto de referência básico para a aprendizagem de todos os conceitos indispensáveis à alfabetização (noções de em cima, em baixo, na frente, atrás, esquerdo, direito), assim como permite também seu equilíbrio corporal e a dominar seus impulsos motores (ROSA e NISO apud. MASTROIANI, BOFI, CARVALHO, SAITA E CRUZ, 2005, p. 4).

Le Boulch (apud. Mastroiani, Bofi, Carvalho, Saita e Cruz, 2005, p. 5), cita que sua má estruturação pode sofrer influências nos planos: perceptivo, motor e relacional.

No plano perceptivo podem ser observadas dificuldades na leitura da criança ocasionada pela confusão e inversão das letras. Na área motora, dificuldades são traduzidas na falta de controle de alguns segmentos corporais, descoordenação e lentidão. O plano relacional é afetado pela insegurança nas relações com o outro, onde as dificuldades no vocabulário corporal e de situar o corpo no espaço, podem afastar essas crianças dos demais.

#### **4.4 A atividade tônica muscular**

O tônus muscular participa de todas as funções motrizes (equilíbrio, dissociação, coordenação etc.), a sua contração e tensão varia segundo o estado emocional da criança podendo ser usado como critério de definição de personalidade. Oliveira (2005, p. 133) explica que:

É através da atividade tônica que a criança entra em relação com o mundo das pessoas, é no plano tônico que a criança estabelece seu primeiro diálogo com o meio. Portanto, a função tônica está ligada a todas as manifestações de ordem afetiva. Sendo responsável pelo movimento, o tônus desempenha um papel muito importante nas relações da criança, e por esse motivo mantém estreita relação com a afetividade.

Sendo assim trabalhar com o controle tônico da criança através dos jogos de expressões corporais (faciais, manuais etc.), atividades onde a criança possa estar utilizando movimentos como subir, descer, inclinar-se para uma determinada direção torna-se elemento fundamental para um controle maior dos seus gestos e ações. Nesse sentido conclui-se que “esse controle é que permite a elaboração de uma gestualidade adaptada ao mundo e integrada à personalidade.” (OLIVEIRA, 2005, p. 133).

A criança nasce com o seu “estilo tônico”, na medida em que amadurecem e se relacionam com o meio esse estilo tende a se modificar. Essas mudanças podem acontecer a depender do contágio e da estimulação do mundo social em que a criança está inserida, assim exemplifica PANIAGUA (2007, p. 43):

[...] do contágio, porque uma pessoa muito nervosa, ao pegar no colo um bebê tranquilo, pode deixá-lo agitado; ou, ao contrário, uma pessoa muito descontraída pode contribuir para o relaxamento de um bebê inquieto e tenso se cuidar dele com frequência; da estimulação, porque, quando se programam atividades que permitem às crianças descarregar tensão muscular, assim como outras em que eles aprendem a ficar tranquilos, a relaxar, a respirar fundo, a esperar sua vez, isso favorece a aquisição de um controle sobre sua tensão muscular que será extremamente útil para eles tanto na escola quanto na rua.

Ao encararmos a psicomotricidade quando tratada sob tais aspectos percebemos a importância de estar atento às etapas de desenvolvimento da criança estimulando-a assim para uma educação ativa onde ela esteja em todo momento se confrontando com o meio através do seu corpo. A educação



psicomotora abrange todas as aprendizagens da criança e se dirige a todas elas, auxiliando a criança em suas atividades escolares com o objetivo de dar base para que a criança se desenvolva intelectualmente a partir de experiências inicialmente motoras.

## 5. CONCLUSÃO

A força desse estudo surgiu de questionamentos, lacunas e demandas de trabalhos que ligassem diretamente o tema psicomotricidade a Educação Infantil na perspectiva de entender como essa função contribui para o desenvolvimento global das crianças na pré-escola. De certo, ao fim dessa caminhada, a conclusão inicial que podemos levantar diz respeito à necessidade de entender que a educação pelos movimentos deve ser vista como mais uma referência, para os educadores, na tentativa de desenvolver na criança aspectos significativos no seu processo de aprendizagem.

O que fica do nosso trabalho é que a partir de um estudo sobre a Educação Infantil, mais precisamente a Pré-escola, a função da psicomotricidade e seus elementos revelam-se ter fortes ligações no desenvolvimento cognitivo, sócio-afetivo e motor da criança por entender que mente e corpo não são elementos indissociáveis. Nesse sentido trabalha na tentativa de mostrar que através do movimento a criança entra em contato com o mundo e começa a explorar recursos de uma forma concreta o que lhe permitirá futuramente a usar de forma abstrata.

Contudo, constatamos por meio desse estudo que é através do esquema corporal, das atividades corporais, das destrezas motoras e da tonicidade muscular que a criança entra em contato com o mundo, explora os objetos, tomam consciência do seu corpo dentro do espaço fazendo com que se movimente com liberdade e segurança, se comunicam através dos gestos e da linguagem auxiliando assim o processo de socialização e afetividade além de contribuir para a formação da personalidade.

No momento em que a criança reconhece o seu corpo e suas partes ela começa a utilizá-los tendo consciência das suas atribuições e na medida em que trabalham esses movimentos começam a desenvolver o controle de si mesmo em determinadas ações. Quanto ao aperfeiçoamento das atividades motoras quanto maior for o trabalho no sentido de estimular o desenvolvimento da coordenação

motora da criança maior será o seu equilíbrio corporal fazendo com que a criança explore o ambiente e se locomova com maior agilidade.

O contato com os referenciais foi o objetivo primeiro desse trabalho e em paralelo, o movimento de pensar a minha formação e em que momento esse estudo poderá contribuir para a minha prática como educadora. O meu esforço se encaixa nessa questão e também na possibilidade de encher lacunas e deixar esse trabalho como ponto de referência para outros trabalhos, principalmente ligados a Educação Infantil, que possam surgir na Faculdade de Educação da UFBA. Portanto, também citamos como uma das ressonâncias desse trabalho um passo para se pensar a psicomotricidade nessa casa, considerando que inquietações de uma estudante podem ser comunicadas a outras inquietações mais, criando assim uma base de estudos sobre o tema, mesmo que não ligada diretamente ao currículo do curso e suas disciplinas.

Essa é a conclusão de um momento, pois entendemos que os resultados obtidos nessa pesquisa ainda são fluídas, passíveis de complementos, prontas para ocuparem outros – e tanto quanto possível – espaços de debate.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A emoção na sala de aula**. Campinas: Papyrus, 1999.
- BOULCH, Le. **O desenvolvimento psicomotor do nascimento até 6 anos**. Porto Alegre: Artmed, 1992.
- CARNEIRO, Moaci Alves. **LDB fácil: leitura crítico compreensiva artigo a artigo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.
- DÍAZ, Felix. **Psicofisiologia**. La Habana:UPEJV, 1995.
- FONSECA, Vitor. **Psicomotricidade: perspectivas multidisciplinares**. Porto Alegre: Artmed, 2004
- ISPE-GAE. **Instituto Superior de Psicomotricidade e Educação e Grupo de Atividades Especializadas**. Disponível em: <http://www.ispegae-oipr.com.br>. Acessado em outubro 2010.
- KISHIMOTO, Tisuko M. **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação**. São Paulo: Cortez, 1996.
- MASTROIANI, Edelvira; BOFI, Tania; CARVALHO, Augusto; SAITA, Leila; CRUZ, Marcos. **A consciência corporal na Educação Infantil**. Disponível em: [WWW.unesp.br/prograd/pdfne2005/artigos/capituli%201/aconsciencia.pdf](http://WWW.unesp.br/prograd/pdfne2005/artigos/capituli%201/aconsciencia.pdf). Acesso em: outubro de 2010.
- MUTSCHEL, Marly Santos. **Como desenvolver a psicomotricidade**. São Paulo: Editora Loyola. 1996.
- NICOLA, Mônica. **Psicomotricidade – Manual Básico**. Rio de Janeiro: Revinter, 2004.
- PACHER, Luciana. **Lateralidade e Educação Física**. Disponível em: [WWW.icpg.com.br/artigos/rev03-09.pdf](http://WWW.icpg.com.br/artigos/rev03-09.pdf). Acesso em: setembro 2010.
- PANIAGUA, Gema; PALACIOS, Jesús. **Educação infantil: resposta educativa a diversidade**. Porto Alegre: Artmed. 2007.
- PICQ, L.; VAYER, P. **Educação psicomotora e retardo mental**. São Paulo, Manole, 1988.

RAPPAPORT, Clara Regina; FIORI, Wagner Rocha; DAVIS, Cláudia. **A idade pré-escolar**. Vol. 3. São Paulo: E.P.U, 2005.

RAPPAPORT, Clara Regina; FIORI, Wagner Rocha; DAVIS, Cláudia. **Teorias do desenvolvimento: Conceitos Fundamentais**. Vol. 1. São Paulo: E.P.U, 2005.

SBP. **Sociedade brasileira de psicometria**. Disponível em: [www.psicometria.com.br](http://www.psicometria.com.br). Acesso em: outubro 2010.

WADSWORK, Barry J. **Piaget para o professor da Pré-escola e 1º grau**. São Paulo: Livraria Pioneira, 1987.

WALLON, Henry. **As origens do caráter na criança**. São Paulo: Nova Alexandria, 1995.

WOOLFOLK, Anita E. **Psicologia da Educação**. Porto Alegre: Artmed. 2000.